

## **Espaço do Ser Mais versus espaço do Ser Menos: Constatação do que não queremos para conseguirmos o que queremos**

*Espacio del Ser Más versus espacio del Ser Menos: Constatación de lo que no queremos para conseguir lo que queremos*

*Space of Being More versus Space of Being Less: Finding of what we do not want to achieve what we want*

**Me. Samuel Crissandro Tavares Ferreira<sup>1</sup>**

### **Resumo**

A concepção teórica desta pesquisa é basicamente apoiada em Paulo Freire (Ser Mais, Humanização) e em Karl Marx (Emancipação Humana). Entendendo que o mesmo contexto trabalha na perspectiva político-pedagógica da educação popular, se fez necessário investigar através dos Indicadores Emancipatórios as contribuições do mesmo espaço para a emancipação e humanização das juventudes na/da cidade, e como isso potencializou e potencializa a suas vidas em uma dimensão ontológica. Esse artigo é resultado da dissertação de minha pesquisa de mestrado chamada E se a Cidade Fosse Nossa: A Educação Popular Contribui na Emancipação das Juventudes na Cidade?, e teve como principal dimensão conclusiva o entendimento de que a principal contribuição da educação popular é de um trabalho que permitisse um projeto de emancipação humana.

Palavras-Chave: Cidade; Educação Popular; Juventudes.

### **Resumen**

La concepción teórica de esta investigación es básicamente apoyada en Paulo Freire (Ser Más, Humanización) y en Karl Marx (Emancipación Humana). Entendiendo que el mismo contexto trabaja en la perspectiva político-pedagógica de la educación popular, se hizo necesario investigar a través de los Indicadores Emancipatorios las contribuciones del mismo espacio para la emancipación y humanización de las juventudes en la ciudad, y cómo eso potenció y potenció a sus vidas en una dimensión ontológica. Este artículo es el resultado de la disertación de mi investigación de maestría llamada E si la Ciudad Fosse Nuestra: La Educación Popular Contribuye en la Emancipación de las Juventudes en la Ciudad?, Y tuvo como principal dimensión conclusiva el entendimiento de que la principal contribución de la educación popular es de un " trabajo que permitiría un proyecto de emancipación humana.

Palabras claves: Ciudad; Educación Popular; Juventud.

### **Abstract**

The theoretical conception of this research is basically supported by Paulo Freire (Ser Mais, Humanização) and Karl Marx (Human Emancipation). Understanding that the same context works in the political-pedagogical perspective of popular education, it was necessary to investigate through the Emancipatory Indicators the contributions of the same space for the emancipation and humanization of the youths in the city, and how this potentialized and potentiate their lives in an ontological dimension. This article is the result of the dissertation of my master's research called What if the City Was Our Own: Does Popular Education Contribute to the Emancipation of Youth in the City?, and had as main conclusive dimension the understanding that the main contribution of popular education is a work that would allow a project of human emancipation.

Keywords: City; Popular Education; Youth.

## **1. Introdução e Objetivo**

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: [samukacrissandro@gmail.com](mailto:samukacrissandro@gmail.com).

O âmago da educação popular consiste no entendimento de que o conhecimento não é uma ferramenta de exclusão, ou de violência, coisa bem difícil de se fazer, principalmente quando o conhecimento anda sendo mercadoria, ou ferramenta de destruição. Por vezes, o próprio conhecimento que se desenvolve a partir das demandas das populações, acabam sendo utilizados contra as mesmas. Nesse viés, não há nada de muito diferente do processo de colonização realizada na destruição de milhares de povos e na pilhagem de suas múltiplas culturas por parte da Europa a partir do século XV, e por isso, esse conhecimento tem se chamado colonialidade (seu contraponto descolonialidade), perspectiva que não explica tudo o que tem representado esse momento de auge de destruição pelo capitalismo, mas se coloca numa linha contra hegemônica de pensamento, principalmente para os povos do Sul, da periferia do mundo, ou para ser mais direto, América Latina, África e Ásia. De certo modo a educação popular se configura com uma práxis, um pensamento/reflexão não distante ou desconectado do fazer, e por isso se torna um quefazer, e tem se estabelecido principalmente na América Latina como uma forma de “respirar” de seus povos, ou seja, em meio a um mar de cultura dominante e que tentou e tenta apagar as identidades culturais dos latino-americanos, tanto a educação popular quanto a sua raiz, vem se colocando como contestadora, objetivando que as mesmas populações possam olhar a si mesmas com seus próprios olhos, entendendo as suas limitações, sua situação desigual e que percebam na sua força de produção socioeconômica e sociocultural a capacidade de superarem as suas contradições que desde muito tempo foram impostas.

Pensadoras e pensadores, educadoras e educadores latino-americanos veem desde o início do século XIX pensando e tentando desenvolver uma dimensão ético-política e filosófica que consiga alcançar a superação de uma cultura europeia, ou em outras palavras, uma educação que seja consistente na formação do povo da América Latina e que desenvolva a suas dimensões como tal.

Se desde a Europa, no século XIX, constituíam-se os alicerces teóricos para a compreensão da nova ordem societária, na América Latina também havia esse movimento de análise e de produção teórica nos diferentes períodos do processo de desenvolvimento. Entre outros, a partir da obra organizada por Streck (2010), constituem-se em exemplos: José Martín (Cuba, 1853-1895), que se dedicou à independência e defendia uma educação científica e técnica junto com a formação ética e política do povo; José Carlos Mariátegui (Peru, 1894-1930), que defendia o socialismo, as universidades populares e a escola única para os peruanos; Franz Fanon (Ilha Martinica/Caribe, 1925-1961), que propunha uma pedagogia voltada para a luta concreta e conjunta dos condenados da terra; Ernesto Che Guevara de La Serna (Argentina/Cuba, 1929-1976), em cujas fileiras ninguém poderia continuar sem saber ler e escrever; subcomandante insurgente Marcos (México/Chiapas), defendendo a ideia de uma educação rebelde e autônoma; Paulo Freire (Brasil,

1921-1997), que propunha a educação como prática da liberdade. (PALUDO, 2015, p. 224).

Cabe ressaltar que desenvolver ou trazer a evidência a envergadura do pensamento latino-americano é extremamente importante, principalmente, na perspectiva da descolonialidade, de se destruir essa teoria de dependência, que se faz também na própria ideia se precisar do Norte, ou para ser mais direto, dos países mais desenvolvidos do mundo, para se pensar a si mesmo, o Sul. A educação popular então, nesse entendimento de que se precisávamos vermos a nós mesmos com nossos próprios olhos, e construir a partir da própria resistência da população e de seus saberes e de suas culturas, um conhecimento que servisse primeiramente para nós mesmos, como fundamento para nossas conquistas emancipatórias, não somente em espaços formais, mas falo aqui também dos espaços não-formais e informais.

A educação popular é uma dimensão política, crítica e que tenta desvencilhar-se da visão imposta pela competitividade atual do chegar e chegar em primeiro por cima de tudo e todos, mas educação popular considera o caminho e a caminhada, como possibilidade transformação dialética e processual. Nesse caso, a perspectiva do Paidéia é essa, nosso Sul é o da transformação, dentro de nossas limitações, mas nosso objetivo é ir além do “conteudismo”, da perspectiva bancária (que deposita e deposita para sacar, que tem expediente curto e que possui uma relação clientelista e usurária) , que é o antônimo da transformação. Dentro do conteúdo propriamente dito, há sensibilidade para construirmos debates, oficinas e discussões que estão para além do simples modelo de visualizar a metodologia de resolução da prova do Enem, mas entender aspectos mais complexos:

Na verdade, foi bem maior do que eu já esperava, eu esperava como que um curso, um cursinho normal pago, só o professor me dando matéria, macetes, dicas, e enfim, e na verdade foi maior porque houve debates, em 2015 teve o debate sobre a maioria penal, e isso era nossa, todo mundo achou que esse seria um tema que cairia no Enem e não caiu, (risos) e 2016 me ajudou muito porque eu acabei virando feminista com o debate das meninas né? Falando sobre a questão do assédio, sobre ... e aí pensei nossa, isso aí não acontece só comigo, acontece com outras mulheres ... (Anne)

O relato da Anne é importantíssimo quanto a capacidade de certas atividades desenvolvidas no Paidéia, que iam na minha visão, para além do comum, para além do “como o feminismo vai cair no Enem”, e entender a partir de certas experiências, a possibilidade de luta contra as opressões, e que nessa própria perspectiva de luta e de resistência, falo do feminismo, há divergências, pois, há diferenças. Deste modo compreendo que o contato com as ideias e com as práticas de quem constrói o feminismo por parte dos educandos/educandas, é imprescindível para que dentro de um trabalho que almeja a transformação da realidade seja

efetivo. É necessário destacar que, da mesma forma, que para as educadoras e educadores esses espaços são importantíssimos, principalmente como espaço de formação de sua docência, entendendo à docência para além da sala de aula. E é isso que a Anne nos fala, a partir do momento que entra em contato com as discussões feministas e consegue relacionar isso com a sua vida, com a constatação da opressão em sua vida:

Sim, E aí eu comecei a ter visibilidade, que acontece com outras mulheres, que não acontecia só comigo, e aí eu comecei a pesquisar um pouco sobre o feminismo, e acabei virando feminista porque eu comecei a ver que não é só eu que isso acontece ...então é isso aí. (Anne).

A constatação da violência, abusos e opressões que acontece com as mulheres, e de que isso é uma realidade, permite que os sujeitos e principalmente aqui do Paidéia, entendam as situações limites que cercam as mulheres, e que sendo isso uma verdade, que é palpável e materializado, cabe entender esse processo, tanto na questão de configuração do mesmo como na lógica que o perpetua e agride de forma constante que perpetua o silenciamento das mesmas:

A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã (1791), de Olympe de Gouges, pode ser considerado o primeiro texto feminista do mundo moderno. Foi o marco da reivindicação de que as mulheres fossem representadas como cidadãs, advogando a seu favor com base na pretensão universal de indivíduo abstrato publicada na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. A autora apresenta talvez a primeira contradição, e quem sabe uma das mais relevantes, da revolução que bradava “igualdade, fraternidade e liberdade”. (...) Olympe de Gouges não se comportou conforme as atribuições que lhes eram destinadas. Ela escrevia e publicava intensamente, recusou tanto o nome paterno quanto o do marido, e defendia as mulheres e os escravos. E por todas essas posturas, de acordo com Scott, foi acusada de viver “excessos da imaginação”; por isso, em 1793, foi condenada à morte na guilhotina. (MORETTI; EGGERT, 2017, p.46-47).

No trecho anterior, as pesquisadoras nos alertam como as mulheres historicamente sofreram (e sofrem) para se insurgirem, e não aceitando os papéis impostos por uma cultura patriarcal, pagaram com suas vidas o preço da rebeldia. Entende-se que o silenciamento das mulheres assim como a violência contra as mesmas se deu até mesmo nos ditos processos revolucionários e de “conquista de direitos” por parte da humanidade, e assim, entendo que todo um silenciamento se constituiu, ao passo em que essas estruturas de violência prosseguiram dentro de nossa sociedade e se estabeleceram como normais. Certamente que essas relações do patriarcado e do machismo é bem mais complexa e se explica hoje com certas configurações sociais e culturais que foram sendo moldadas na passagem para a civilização, e sendo configuradas num tempo longínquo, se faz grande força para que se pense que tal processo é natural. Entendo, com minhas limitações de homem e que faz parte dessa

sociedade machista, a necessidade como educador popular de trazer espaços que discutam essas temáticas que são “tabus”, que ninguém quer discutir e que se é secundarizada, e como pesquisador, analisa-las nesse processo de investigação dentro da categoria de emancipação desses sujeitos. O intuito, não é simplesmente de levar a discussão do feminismo como uma luta a ser prescrita para as mulheres que não conhecem o debate se associarem, não! Mas principalmente para que mulheres e também os homens entendam um tanto da realidade do cotidiano das mulheres, e principalmente do sofrimento de viver em uma cultura machista. Para isso, junto com colegas que trabalham com a educação popular e companheiras de coletivos e organizações de movimentos sociais, construímos dentro dos espaços de aula, atividades que traziam a discussão do feminismo, principalmente porque uma outra discussão era não permitir o Paidéia deixasse de refletir sobre isso:

Assim como essa revolucionária da época, muitas outras mulheres foram silenciadas e, em boa parte da história, viveram como “anônimos”. E quem nos lembra esse fato num texto brilhante é a escritora Virginia Wolf, no clássico *Um teto todo seu* (1929). Reconhecemos a necessidade da visibilização dos aspectos que lidam com experiências vividas e percebidas pelas mulheres para pensarmos a produção do conhecimento e a cidadania que seguem existindo nas margens. (...) Entendemos que as experiências, sobretudo no campo da educação popular, são produzidas como invisíveis, ou seja, como ausentes até que as mulheres, como sujeitos coletivo, compreendam a sua própria “feitura” na experiência. (MORETTI; EGGERT, 2017, p.47-49).

Nesse contexto, o Paidéia tentou e tenta discutir essas questões, entendo que os educandos e educandas já vivem essa realidade e isso deve ser refletido, entendendo que quem sofre são as suas colegas, companheiras e parentes, a sua sociedade em si. Nesse viés há uma preocupação para que dentro de um processo intelectual, que consiga situar esses sujeitos no pensar de seu lugar histórico, entendam que para além do senso comum (que é imprescindível no processo de desenvolvimento do conhecimento), das superficialidades, entenda-se que é necessário sair da “zona de conforto” do pensamento e tentar entender o que e quem molda a nossa forma de pensar. Certamente que a preparação para o Enem é extremamente importante, principalmente por entender que a universidade é um espaço em disputa também, onde as camadas populares devem estar e devem também transformar esse espaço na medida do possível, porém, o Paidéia não existe para simplesmente melhorar notas e pontuações, mas existe pensando na linha da emancipação, e para isso, a visão crítica do mundo deve ser trabalhada, com base no diálogo, que não elimina em si a discussão, o debate e o conflito que se estabelece no choque de ideias e concepções, mas que tenta ir além, considerando não o educador e a educadora como centrais, mas entendendo a educanda e o

educando como possuidores de um conhecimento, de uma experiência e de uma “bagagem”, seja ela qual for:

Eu acho que o Paidéia, eu acho que o nome do Paidéia deveria ser Inovação né? Porque ele é diferente dos cursinhos, é que nem eu falei , eu esperava uma coisa e acabou vindo muito mais do que aquilo... Porque assim, eu pelo menos, vou falar por mim, é óbvio, porque eu sou eu, (risos) mas enfim, na minha visão, assim eu já tive uma visão mais fechada, pô mas assim o que eu penso é mais interessante, mas quando eu vejo realmente, as pessoas tem realidades diferentes de mim, tem uma perspectiva diferente de vida diferente de mim mesmo , então tem que dar voz para as pessoas sim, só que as vezes nos cursinhos pagos , tu não vê isso, não existe debate , o que existe? , existe só a afirmação do lado do professor, que o professor fala, que isso daqui vocês vão falar, a nota 1000 da redação, só que ele não fala “por que vocês pensam isso ?” Ele não faz o pensar ... (Anne)

Entendo que para o processo de emancipação, ou para o processo que indique a construção da emancipação, é imprescindível o pensar, criticar, analisar e discordar, com base nas diferenças, ou como a própria Anne afirma, “as pessoas têm realidades diferentes de mim”, e a partir disso, a partir da constatação que o meu colega ou que minha colega que, e socializa aqui comigo nesse espaço, possui um outro entendimento da realidade e está inserido em outra realidade social, econômica e cultural. Se falando principalmente dos educandos e educandas que provenientes das camadas populares mais pobres da sociedade, e nesse contexto, da cidade, é sempre importante destacar a importância de sublinhar que esses sujeitos, homens e mulheres, na maioria das vezes fazem de seu cotidiano e de sua vida, uma força sobre-humana para conseguir articular por vezes o estudo com o emprego; o emprego, o trabalho doméstico e o estudo; o esforço de estudar e procurar emprego e viver de bicos ou simplesmente por dificuldades de distância/deslocamento conseguir estudar (ou como se diz por aí, “somente estudar”). Em miúdos, no caso Paidéia, a realidade é bem diversa, porém dentro de uma realidade de dificuldades socioeconômicas, por mais que em cada sujeito haja muita força para prosseguir lutando pelos seus objetivos de entrar na universidade e cursar os cursos que assim lhes compete e agrada.

## 2. Desenvolvimento e concepção teórica

Porém existe uma força e uma vontade por vezes, por parte dos governos, dos sistemas educacionais e também da universidade, de pensar esses sujeitos como sujeitos que são menos, processo da desumanização, ou da coisificação, da marginalização, e aí se aplica ou um “plano de salvação” destes, de domesticação ou de exclusão. Não sei qual deles é o pior. Arroyo nos elucida um pouco sobre essas práticas:

Vejamos algumas formas de pensá-los e conformá-los às quais reagem como coletivos. Em suas ações reagem às formas parciais, superficiais de sua classificação que ocultam os processos mais radicais de sua inferiorização e segregação, como coletivos humanos. As categorias mais frequentes com que são vistos, sobretudo no pensamento sociopedagógico, têm sido: marginalizados, excluídos, desiguais, inconscientes. Formas de pensá-los e classifica-los que ocultam formas históricas mais abissais e sacrificiais de segregá-los (ARROYO, 2014, p.40).

Nessa afirmação, Miguel Arroyo acerta no “olho da mosca”, pois seguimos colonizando e catequizando, falo da lógica que ainda existe de que temos que “dar” e que eles têm que “receber”. Nós, que já passamos pela universidade, seguimos a catequização, não reconhecendo esses outros, esses marginais como capazes. E segue:

Conceituá-los como marginalizados, marginais, supõe entender que na sociedade uns coletivos estão situados em margens opostas, mas possíveis de serem aproximados por meio de pontes ou pinguelas. Que a margem, o território de cá pode ser ocupado, conquistado pelos coletivos da outra margem, por meio de políticas de passagem, do esforço, do êxito nesse percurso. Nessas conceituações cabem esperança, políticas de aproximação e de passagem. Nessa visão se legitima o pensamento educativo e a diversidade de pedagogias salvadoras dos marginalizados. (ARROYO, 2014, p.41).

Com base nessas reflexões sobre a realidade marginal, é importante que ressaltar que ninguém opta por ser marginal ou estar à margem. Pudera! Na verdade, na maior parte das vezes, que se entende centro, entende-se como salvador da margem (às vezes faz de tudo para perpetuar a margem). Nesse momento devemos ser parcimoniosos ao refletir e pensar sobre as margens:

Ao analisar mais detalhadamente, constato que o entendimento que eu possuía em relação às margens era de algo descartável e marginal. Estar à margem é concretamente uma situação do que é à primeira vista, ou seja, não aparece e nem serve para muita coisa, mas está presente. As margens ficam imóveis, poucos percebem; fazem parte das coisas invisíveis que, de tanto estarem presentes, não aparecem mais. O serviço da casa que ninguém reconhece, quando não é realizado, ninguém aguenta ficar sem ele! (EGGERT, 2013, p.144).

Com isso, me conecto com Eggert ao entender os marginais, ou como está colocado por ela, as margens, como extremamente importantes e muito mais para a construção da educação popular, assim como criar projetos que sejam radicais em transformação da realidade a partir da mesma. A margem está lá, mesma que não vemos, ou que não queiramos vê-la:

E as margens são simultaneamente as rebeldias necessárias presentes nos movimentos bem visíveis, comprometidos com transformações no mundo e com seus próprios limites! Ficar à margem não significa total falta de poder e total

marginalização. Há uma reciprocidade, uma dialética nesse ficar ou ser d/as margens. Há pequenos ganhos, avanços e retrocessos. (EGGERT, 2013, p.144).

As margens representam as camadas populares que se fazem presente na cidade, que existem, por mais que a própria cidade não perceba ou não queria perceber, ela está lá, segurando, suportando a cidade (retornemos a analogia que Eggert faz do serviço da casa!), e quando essa margem se descobre margem, e vem se movimenta, pressiona o centro, com uma força imensurável, e que provoca o mal-estar. Essa força que pressiona o centro e que indaga a estrutura acerca do porquê que ela o fez e refez margem, e compreendendo sua marginalização, se invoca e se coloca no mundo com rebeldia. Rebeldia colocada aqui como uma categoria que “precisa ser educada para que tome, portanto, dimensões transformadoras, revolucionárias e não tenha um fim e si mesma” (MORETTI, 2010, p.346). Certamente que os educandos e educandas chegaram ao Paidéia com as suas limitações, mas também com os seus avanços, com base em suas vivências e experiências, e com isso, se fez com que o espaço se tornasse o mais democrático possível, tentando problematizar diversas questões que se apresentavam durante as atividades. Do mesmo modo, o Paidéia, através de das educadoras e educadores a maioria estar em processo de formação (graduandos, pós-graduandas, recém graduados...), tinha as suas limitações e estava seguindo um caminho de formação e entendimento de que a educação popular era mais do que um “cursinho gratuito”. Mesmo assim, havia um engajamento por parte dos docentes, de tentar entender a realidade dos educandos e educandas, e desenvolver atividades que conseguissem discutir determinadas temáticas que ao conectar com diferentes disciplinas e diferentes áreas do conhecimento, alcançássemos um maior êxito, tanto no entendimento teórico dos conteúdos, sua contextualização com a realidade e com o Enem. Os chamados “aulões” tinham essa incumbência, assim como as discussões específicas de cada disciplina/conteúdo, com suas temáticas e temas geradores diversos:

Ah as discussões de sexualidade, né? Assim bastante o que eu vejo que o pessoal ainda é bem bitolado nessas questões, questões do veganismo, questões políticas, que mais? Questões de cotas raciais, essas questões assim que realmente eu estando no curso via que os professores tinham essa visão mais ampla sobre isso, mais os próprios alunos que estavam ali ainda eram meio assim, acreditavam por exemplo, deixa uma pensar uma questão, que as cotas raciais são um meio de racismo, que o veganismo é uma coisa que é estética, não é estética que eu digo é, fútil! (Carol).

As discussões e os debates que eram promovidos permitiam com que muitas coisas fossem desconstruídas, e outras aprofundadas para além de certos “informacionismos” que por vezes fazem um desserviço. Como nos alertou o sujeito no trecho acima, havia a possibilidade

de discutir, tirar dúvidas e fazer certas amarras que por vezes estavam soltas, que não se tinham alcançado certa compreensão. A metodologia de promover a inquietação, a indagação e o desconforto através da tentativa de contextualizar conteúdo com a realidade vivida pelos educandos e educandas, promoveu uma propulsão de outras atividades que caminhavam na ideia de refletir com mais afinco certos aspectos indebatíveis, os famosos tabus, ou pelo simples reducionismo e superficialidade com que às vezes as discussões em redes sociais promovem, a oportunidade de discutir e refletir de modo coletivo, abria um pouco mais o entendimento sobre certas questões.

Cara as discussões mais importantes para mim era...tinha a ver com as políticas tá ligado? Tanto as políticas públicas quanto em relação a sociedade, era um ambiente que cara que tipo, a maioria dos meus amigos quando eu ia debater com eles ideias, era assim, eles ouviam o que tinha a dizer, concordavam ou não concordavam e era basicamente isso, tá ligado? Quando eu entrei para o PAIETS, eu vi várias pessoas com visões parecidas com as minhas e visões diferentes. E eles não estavam interessados em abraçar a minha ideia e simplesmente isso, tá ligado? Eles acolhiam o que achavam interessantes o que eles achavam que eu estava errado eles debatiam, e isso me fez muito gostar daquele ambiente tá ligado? (Rafa).

Com isso, a possibilidade de promover um espaço que contemplasse os anseios e as indagações dos educandos possibilitavam o enriquecimento das atividades do Paidéia, e consequentemente da educação popular. Outro aspecto importante disso tudo, era a possibilidade desses sujeitos, homens e mulheres que lá estavam, de trazerem as suas vidas e suas manifestações e experiências consigo, e principalmente, experiências das juventudes. O que o Rafa nos diz sobre um ambiente que não aceita tão facilmente a concepção de mundo sem tentar entender, diz muito sobre a importância desse espaço e da educação popular para a construção de protagonismos. De igual modo, a Anne, que já possuía uma experiência de estudar para concursos e a partir disso, possuir uma certa leitura de mundo, conhecia vários aspectos da Constituição Brasileira de 1988, o que contribuía muito para as discussões em aula, e principalmente no evidenciamento de certos “dilemas” que se apresentavam:

Os debates! Ah, pra mim eram maravilhosos, tanto é que teve uma vez que eu, acho que teve um colega que começou a falar mal da constituição, que não valia a pena e não sei o que, e eu meio que fiquei enfurecida, (risos) e aí eu, nossa você nunca leu a constituição para você falar isso. (Risos) E todo mundo começou a rir e falar... eu fiquei louca de vergonha. Porque eu nunca imaginei que eu ia falar isso sabe... (Anne),

A necessidade de se colocar no debate, na possibilidade de falar, é a possibilidade de se colocar no mundo. Em uma cultura que possui a pedagogia do tolher, a cultura, e principalmente na educação, do silenciamento, do não falar, não dizer e não perguntar, e ao

falar, ser politicamente correto para que o conflito seja mediado. Nesse ínterim, muitos são silenciados para sempre, e nesse silenciamento, ocorre a perpetuação de convencer os oprimidos e oprimidas de que estão e errados, e que devem ser tolerantes, pois seus questionamentos estão gerando demasiados confortos. Ocorre que em nossa educação, de um modo geral, falo da educação brasileira, soma-se os processos ditatoriais que impediram os processos de reflexão e de avanço das ciências das humanidades, e principalmente as disciplinas e temáticas sobre as ciências humanas e sobre o avanço dos processos educacionais foram proibidos. Não somente como pesquisador e educador, percebo e entendo também como educando, como sujeito que também aprende ao ensinar, que o processo educacional e pedagógico perfeito, está distante de ser concretizado, porém, é necessário esforçarmos para que haja uma destruição de certos ditames e diretrizes que apontam para uma verticalização dos processos políticos, culturais, sociais e econômicos, e com certeza no âmbito educacional:

Eu acho que a horizontalidade, do processo. Saca? Naquela questão de que tu tá dando a tua aula, e levantar o braço e te interromper. De surgir um outro assunto, a gente debater esse assunto, mas depois retornar pra aula, tá ligado? Porque o cara teve isso, eu tive isso no colégio, eu tive professores de que enquanto ele tava ali tu não podia interromper ele, tá ligado? E as vezes é aquela questão, tem rima que o cara pensa, que se tu deixar para anotar em casa, tu não vai anotar, saca? Então tem aquele flash de sabe? Tu falou aquele bagulho, me desencadeou uma reação aqui, se eu não falar contigo agora, depois eu não vou conseguir formular a mesma dúvida, e isso eu achava bacana. A interação que tinha, tanto de professor e aluno, quanto de aluno e professor. Tá ligado, de educador e educando ali, saca? (Pablo).

Pablo, fazendo uma relação com rima e com o freestyle, nos coloca que a horizontalidade da metodologia e na possibilidade de intervir (“levantar o braço e interromper”) nas atividades do Paidéia, encontrava-se algo muito potente. O “interrompimento” se torna bem-vindo, se faz necessário, e com isso pode-se construir de modo processual uma ruptura nessa educação depositária, bancária. Acredito que frente a toda uma cultura de silenciamento, a educação popular tem um compromisso de ouvir as falas, as vivências, os gritos e os conflitos que existem, e solidarizar-se com isso, principalmente porque é isso que historicamente tem configurado o Brasil, um processo contínuo de dominação por parte da minoria, das elites e etc. Com base em Freire, e no que ele acreditava em sua práxis de transformação, é valioso lembrarmos o que o mesmo educador e filósofo afirmava sobre a relação do grito e do conflito nessa perspectiva de educação e de educação política:

Aliás o silêncio realmente tem sido imposto às classes populares, mas elas não têm ficado silenciosas. A história oficial é que destaca esse silêncio sob a forma de docilidade, mas os movimentos de rebeldia, que constituem a história escondida nesse país, tem sido agora revelado por historiadores com sensibilidade em relação às massas populares. Insisto, assim que é preciso aprender com o povo a gritar e introduzir essa forma de gritar na educação sistemática. De qualquer forma, o ser humano sempre grita primeiro para depois falar. A gente nasce gritando. (GADOTTI, 1989, p. 120).

Esse trecho da fala de Paulo Freire, que é um diálogo entre Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães, nos elucida que é necessário falar, mas antes, é necessário gritar, e esse grito aos poucos se organiza e vira fala, fala contundente, daí o dizer a sua palavra é central aqui! Entendo que as falas, as intervenções, os debates e discussões, tanto as que levavam a conflitos e que se acaloraram, foram importantes para que se conseguisse um êxito no processo de desenvolvimento do conhecimento, e esse conhecimento foi e é construído de modo dialético, de cá para lá e de lá para cá, respeitosamente entendo que os sujeitos que ali estavam, tinham preciosidades que contribuíram para esse processo e para com o aprofundamento da educação popular através do Paidéia. É necessário, portanto entender que o Paidéia não era e não é um espaço perfeito, a “menina dos olhos” da educação popular, aonde a roda é reinventada em cada atividade que se desenvolvia. Claro que não! Há uma tendência fortíssima a se trabalhar com a perspectiva teórica da educação popular, e através de espaços de formação integrados por educandas e educadores, tentar compreender o que é a educação popular e o que ela significa para nosso contexto. Temos que compreender as nossas limitações e nossas situações limites. Nossas dificuldades podem nos levar além se tivermos a vontade de avançarmos. Não queremos uma educação popular pusilânime, covarde e descompromissada com a sua raiz, e por isso, é necessário entender que mesmo na tentativa de almejar a transformação, e nesse engajamento, por vezes exercemos e produzimos coletivamente ou individualmente aquilo que tanto combatemos. Trago um trecho da fala de um dos sujeitos que compartilhou suas impressões sobre o Paidéia, e que elenca situações contrárias a um projeto de emancipação e humanização:

Não praticar essa educação bancária, que o Freire fala muito, não chegar depositando os conteúdos, não que eu acredite que ...alguns professores ali...é como ele fala, as vezes eles nem sabem que eles estão fazendo isso, mas eles estão fazendo entende? Ele fala isso nesse livro a Pedagogia do Oprimido, que as vezes o professor que tá tendo essa atitude, ele nem sabe que ele tá tendo, ele que acha que tá fazendo certo mas não tá, ali eu vi muito isso, principalmente na área das exatas, uma coisa muito forte na área das exatas, o professor não consegue ter um diálogo com o aluno entende? (...) professor ele era um crânio ...o cara chega ali e ...praticamente nos vomitava as coisas no quadro ... e a embora. Isso aí é uma coisa...talvez ele não tivesse consciência de que ele tava fazendo isso, mas ele tava. E acabava que não ensinava as coisas pra gente assim, só pra quem já é mais ...já tá pesquisando, ou é super interessado nesses assuntos das exatas e já se familiariza, e aí tá, óbvio, chega

ali na aula dele e vai entender, vai acompanhar, mas uma pessoa que não tá instigado a isso, não vai entender o que ele está falando e vai se sentir ainda ... como é que é inútil? Não é inútil, vai se sentir menospre... não é menosprezado que a gente fala, deixa eu pensar ... (...) É, vai ser menos né? Porque vai achar que eu sou burra, eu não posso entender isso que ele tá falando ... (Carol).

Assim entendo como é necessário se aprofundar os debates e as discussões no Paidéia sobre a validade da educação popular ainda hoje, e o que ela representa, na tentativa de potencializar as experiências positivas, e as negativas, que expressam o Ser Menos como nos fala tão bem a Carol, refutar e transformá-las. Para além disso, destaco a sensibilidade desta ex-educanda, que já percebia de forma aguçada o desconforto que ela e os demais estavam submetidos, em um espaço de educação popular. Reforço que, um espaço que seja favorável ao Ser Mais, se constitui destes principais elementos que foram trazidos e sublinhados aqui, mas é válido principalmente constatar o Ser Menos, que é a negação de uma perspectiva de educação histórica, crítica e latino-americana. Em outras palavras, negamos o que não queremos de forma consciente, em busca daquilo que queremos que condiz com a nossa vocação humanizadora.

### **3. Considerações finais**

No meu entendimento, com base nas análises dos materiais investigados e refletidos aqui, com o auxílio 6! Com base no compartilhamento e no diálogo entre as experiências, as contribuições serão imensas. Os sujeitos desta pesquisa que entenderam que a suas vidas eram uma possibilidade de transformação de si mesmos e do coletivo, também entenderam que não devia nada para ninguém, e com isso, construíram e constroem a emancipação de modo diferente. Percebo isso, desde a sociabilização que o Paidéia proporcionou entre sujeitos diferentes, na tentativa de ensinar que era imprescindível as suas concepções de mundo em uma visão político-pedagógica de transformação, em atividades que proporcionavam os debates e reflexões temáticos, na busca pela leitura de mundo/realidade e uma contextualização com os conteúdos do Enem e nos espaços em que a horizontalidade se legitimava com a participação e opinião dos sujeitos.

As atividades no Paidéia, olhando pela potencialização do Ser Mais, sempre consideravam que o mundo em que vivemos é o da lógica capitalista e, portanto, é uma lógica de morte e de violência para todo o planeta. De igual modo, mesmo vivendo em um contexto de “coisificação” e de ser menos, sempre era necessário apresentarmos de forma coerente a necessidade da Humanização, do Ser Mais, que em Freire nos diz e nos informa sim de nossas dificuldades e limitações, mas nos alerta, que se existe uma vocação humana ela é a do

processo de construção de uma perspectiva de rompimento com nossas dificuldades. De outro modo, rejeitar o fim da história, o determinismo, e pensar e trabalhar por um mundo que não seja a-histórico, mas o da luta e o da possibilidade.

### Referências

ARROYO, Miguel. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

EGGERT, Edla. *As Muitas Margens da Educação Popular*. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 3.ed. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1989.

MORETTI, Cheron Z.; EGGERT, Edla. Mulheres, Experiência e Mediação: encontros possíveis/necessários [?] entre a cidadania e a pedagogia. In: ADAMS, Telmo; TRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini (Organizadores) *Pesquisa Educação: mediações para a transformação social*. 1.ed. Curitiba: Appris, 2017. P.45-63.

MORETTI, Cheron Moretti. REBELDIA/REBELIÃO. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. 2.ed. rev. Amp. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P.345-348.

PALUDO, Conceição. Educação Popular como Resistência e Emancipação Humana. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago. 2015.

STRECK, Danilo R.; ADAMS, Telmo. *Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade*. 1.ed. Curitiba: CRV, 2014.